

BIBLIOTECA DE "A SEMENTEIRA"

Errico Malatesta

EM TEMPO DE ELEIÇÕES

(2.^a edição)



G. PROPAGANDA LIBERTÁRIA
O FUTURO
LISBOA

4042

1915

Editora: **A Sementeira**

PREÇO 20 RÉIS

Shi

Comando dos Lentes

BIBLIOTECA DE "A SEMENTEIRA"

Errico Malatesta

EM TEMPO DE ELEIÇÕES

(2.^a edição)



1915

Editora : **A Sementeira**

Shi

OFFICINAS GRAPHICAS
Rua do Poço dos Negros, 81 - LISBOA

Shi

Em tempo de eleições

(DIÁLOGO)

Luis. — Bom êste vinho, heim, amigo!

CARLOS. — Sim, não é mau... mas é caro.

L. — Caro? com certeza. Com tanto imposto e com tantas contribuições que se pagam ao governo e ao municipio, tudo nos custa o duplo do que nos devia custar. E se fôsse sómente o vinho! O pão, a carne, a habitação, tudo custa um ôlho da cara; e o trabalho falta, e quando o há, não o querem pagar. Enfim, não há maneira de se poder viver.

E o mal todo provêm de nós mesmos. Se nós quiséssemos, tudo se poderia remediar. Precisamente, agora é ocasião de se fazer uma limpeza.

C. — Sim? Vejamos, vejamos como.

L. — E' uma coisa simples. Você é eleitor?

C. — Ah! ah! A que propósito vem isso?

L. — Como a que propósito?! Mas é ou não é?

C. — Pois sou, sim senhor; mas é como se o não fôsse, porque não vou votar.

L. — Ora ai está... são todos assim. E depois queixam-se ! Pois vocês não compreendem que são os assassinos de si mesmos e de suas famílias? Vocês são indolentes, cobardes, que merecem a miséria em que jazem, e pior ainda. Vocês...

C. — Bom, bom, não se exalte. Eu gosto de discutir e não quero mais do que ser convencido. Mas que conseguiria eu se fôsse votar ?

L. — Como ! Que necessidade temos de discutir tanto ? Quem faz as leis ? Não são os deputados e os vereadores ? Assim, pois, se vocês elegessem bons deputados e bons edis, seriam melhores as leis, diminuiriam as contribuições, suprimir-se-iam impostos tam odiosos como os do consumo, seria protegido o trabalho, e assim não haveria tanta miséria.

C. — Bons deputados e bons vereadores ? ! Bonito canto de sereia ! E' preciso estar surdo e cego para não compreender que são todos o mesmo. Oh ! se os ouvir agora que teem necessidade de ser eleitos ! Todos bons, todos grandes democratas ; passam-nos a mão pelo lombo, perguntam-nos pela mulher e pelos filhos, prometem-nos caminhos de ferro, pontes, estradas, água potável, saneamento e irrigação das terras, trabalho, pão a bom preço, protecção do Estado... tudo o que se queira. E depois são todos mais canalhas uns do que os outros ; uma vez eleitos, adeus promessas. Nossas companheiras e nossos filhos podem morrer de fome ; pode a localidade ser invadida por tôda a sorte de calamidades, o trabalho paralisa e falta para o maior número e a

fome faz estragos. Mas quê! O deputado não se preocupa absolutamente nada com os nossos desastres. Para estas coisas temos a policia. Daqui a poucos anos, recomeçará a burla : agora, passada a festa, logrado o santo. E sabes? O partido, a côr politica nada importa ; todos, todos são iguais. A única diferença é que uns deixam até de olhar para nós, enquanto os outros nos levam com o seu palavreado aonde querem... e conseguem que lhes paguem banquetes.

L. — Perfeitamente ; mas para que eleger burgueses? Não sabe que os burgueses vivem do trabalho alheio? E como quer que pensem em fazer o bem do povo? Se o povo fôsse livre, estaria para êles acabado o regabofe. E' verdade que, feitas as contas, se quisessem trabalhar, estariam ainda melhor ; mas isso não o entendem êles : — não pensam mais do que em sugar o sangue do pobre povo.

C. — Oh ! Agora sim que começa a falar bem.

Unicamente, além dos burgueses, há também os que servem os interesses dos burgueses e os que a burgueses querem chegar fazendo-se deputados.

L. — Pois livremo-nos igualmente dêsses. Elejamos homens do povo, elejamos amigos comprovados, e assim estaremos certos de que não sere-mos enganados.

C. — Eh, eh ! temos visto muitos dêsses amigos comprovados... E depois você é curioso : elejamos, elejamos, como se eu e você pudéssemos nomear a quem melhor nos parecesse !

L. — Eu e você? Não se trata unicamente de nós os dois. Decerto sózinhos nada podemos fazer; mas se cada um de nós se esforçasse por converter os outros, e estes procedessem como nós, em breve contaríamos com a maioria dos eleitores e poderíamos eleger o deputado que melhor nos agradasse. E se o que nós aqui fizéssemos, fôsse imitado nos outros circulos eleitorais, depressa chegaríamos a ter do nosso lado a maioria do parlamento, e então...

C. — E então, seria o regabofe... para os que fôessem ao parlamento; não é verdade?

L. — Mas...

C. — Mas você está a mangar comigo? Isso é que é andar depressa! Não parece senão que já conta com a maioria e que arranja tudo à sua vontade.

A maioria, meu amigo, teem-na sempre os que mandam, teem-na sempre os ricos. Olhe, aqui perto há um pobre diabo, um camponês, com a companheira doente e com cinco filhos pequenos; vá lá persuadi-lo de que deve sofrer os rigores da miséria, de que deve consentir em se vêr por essas ruas como um cão vadio, não só êle como também os seus, pelo prazer de dar o voto a quem não seja da vontade do amo. Vá lá convencer todos êsses desgraçados a quem o patrão pode fazer morrer de fome quando lhe apeteça.

Desengane-se: o pobre nunca é livre; e demais nem sequer saberia em quem votar. E se soubesse e quisesse, então que necessidade teria êle de votar? Apossar-se-ia do que quer, e boas noites.

L. — Sem dúvida, o caso não é fácil. E' preciso trabalhar, fazer propaganda, para que o povo compreenda quais são os seus direitos e ouse afrontar a ira dos burgueses. Precisamos unir-nos, organizar-nos para impedir que os burgueses coarctem a liberdade dos trabalhadores, lançando-os à rua quando não sigam os seus conselhos.

C. — E tudo isto para votar no *sr. Fulano* ou *sr. Beltrano*? Que bondade a sua! Sim; devemos fazer tudo o que diz, mas para fim muito diferente: devemos fazê-lo para que o povo compreenda que tudo quanto existe no mundo é unicamente seu; que tem o direito, e se quiser, tem a força de o retomar; e que o deve reaver por suas próprias mãos, sem esperar o favor de ninguém.

L. — Mas, enfim, aonde quer você chegar? Alguém ha-de dirigir o povo, organizar as forças sociais, administrar a justiça e garantir a segurança pública.

C. — Não, não. Nada disso.

L. — Então como? O povo é tam ignorante!

C. — Ignorante? O povo é-o, efectivamente, porque se o não fôsse, imediatamente mandaria bugiar toda essa caranguejola governamental. Mas aposto que os seus próprios interesses em breve os havia de compreender. Se deixassem o povo obrar por sua conta, encaminharia as suas coisas melhor que tôda essa malta que, com o pretexto de o governar, o explora e trata como uma besta.

Vocês são curiosos com esta história da ignorância popular. Quando se trata de deixar o povo

fazer o que melhor lhe pareça, dizem que êle nada percebe; quando se trata de o fazer nomear deputados. então já vocês lhe reconhecem todas as capacidades... e se por acaso nomeia algum lá da igrejinha, então é logo doutor de borla e capelo.

Ora não será cem vezes mais fácil administrar cada um por si o que lhe pertença do que saber encontrar alguém capaz de o fazer por outros? Não só, neste último caso, se precisa saber como se hão-de fazer as coisas, para julgar as ideas de quem é escolhido, como também saber discernir a sinceridade, o talento e outras qualidades de quem solicita os nossos votos. E se o deputado quisesse servir sinceramente os nossos interesses, não deveria perguntar quais as nossas opiniões, indagar os nossos desejos, e cumprir as nossas vontades? E então para que dar a alguém o direito de obrar à sua vontade e de nos enganar e atraiçoar quando muito bem lhe apeteça?

L. — Mas como os homens não podem fazer tudo por si mesmos, nem servir para tudo, dai a necessidade de que alguém trate das coisas públicas e cuide dos assuntos da política.

C. — Eu não sei o que é que você entende por política. Se entende que é a arte de entrujar o povo e de o esfolar de maneira que êle berre o menos possível, convença-se de que passaríamos muito bem sem ela. Se entende que política quer dizer interesse geral e o modo de andarem todos d'acôrdo para maior vantagem para cada um, então é uma coisa de que nos deveríamos ocupar

todos, como todos, por exemplo, sabem como ir às hortas e divertir-se sem incomodar ninguém nem ser incomodados. Que diabo! havia de ter graça que até para nos assoarmos tivéssemos que recorrer a um especialista... dando-lhe ainda por cima o direito de nos beliscar o nariz se o monco não saísse a seu gosto.

Demasiado se compreende que o sapateiro deve fazer os sapatos e o pedreiro a habitação. Mas ninguém sonha em dar ao sapateiro e ao pedreiro o direito de nos governarem e administrarem... Mas falemos das coisas de agora.

Que tem feito a favor do povo todos os que dizem ir ao parlamento ou ao município para fazer o bem de todos? E ainda mesmo os republicanos, ou os socialistas, tem-se mostrado melhores que os outros? Nada; é o que lhe disse, todos são o mesmo.

L. — Também ataca os socialistas? Que quer que façam se verdadeiramente não podem fazer nada? São poucos, e ainda que nalguns municípios tenham maioria, são de tal modo embaraçados pelas leis e pela influência da burguesia que se vêem manietados.

C. — E porque é que lá vão? porque se conservam lá, se nada podem fazer? Será porque podem fazer alguma coisa para si mesmos.

L. — Escute um momento; você é anarquista?

C. — Que lhe importa o que sou? Oíça o que lhe digo, e se vê que os meus argumentos são bons, aprove-os; se não combata-os e trate de me convencer. Sim, sou anarquista: e que tem isso?

L. — Oh, nada ! tenho até muito gosto em discutir com você. Também eu sou socialista, mas não anarquista, porque essas ideas parecem-me demasiadamente avançadas. Mas compreendo que em muitas coisas tem razão. Se soubesse que era anarquista, não lhe tinha dito que por meio das eleições e do parlamento se poderá alcançar o bem que desejamos, porque também sei que enquanto houver pobres serão sempre os ricos que farão as leis, e que as farão sempre em proveito próprio.

C. — Mas então você é um entrujão ! Como ! pois você conhece a verdade e propaga a mentira?... Quando não sabia que eu era anarquista, dizia que levando ao poder bons deputados e bons vereadores, a terra se tornaria um verdadeiro paraíso ; agora que já sabe o que sou e que não me pode enganar com duas cantigas, já diz que com o parlamentarismo nada se pôde conseguir. Então para que nos anda a maçar com a propaganda das eleições ? Ou é porque lhe pagam para andar a entrujar os infelizes trabalhadores ? No entanto, não é esta a primeira vez que o vejo e sei que é um verdadeiro operário, que vive á custa de muito trabalho. Para que anda então a enganar os seus companheiros fazendo com que favoreçam os interesses de qualquer renegado que com a capa de socialista e de democrata só procura fazer-se burguês e mandar ?

L. — Não, não, amigo. Não me julgue tão mal. Se eu faço a diligência para que os operários votem, é no interesse da propaganda simplesmente. Não compreende quantas vantagens temos em

que haja algum dos nossos no parlamento? Pode fazer a propaganda melhor do que qualquer outro, porque viaja como lhe apetece, a polícia não o estorva muito; e além disso, quando fala no parlamento, tôda a gente se ocupa das ideas socialistas e as discute. Não é isto propaganda? Não iremos ganhando alguma coisa com isto?

C. — De maneira que para fazer propaganda é que você se faz galopim! Bela propaganda a sua! Anda a dizer ao povo que tudo tem a esperar do parlamento, que a revolução já não é precisa, que o operário não precisa fazer mais nada do que depositar um pedacito de papel numa urna e esperar de boca aberta que lhe caia o maná do céu. E tudo isso não é *despropaganda*?

L. — Tem razão, mas que se há-de fazer? Sem isso, não irão votar. Como dizer aos trabalhadores que não se pode esperar nada do parlamento, que os deputados não servem para nada e dizer-lhes logo em seguida que devem votar? Diriam que os tomávamos por fantoches.

C. — Bem sei que é preciso fazer assim para levar o povo à urna e ir ao parlamento. E não só é preciso fazer assim, como também fazer mil promessas que não se poderão cumprir; precisa-se estar nas boas graças dos senhores, ser benévolo para com o govêrno, acender uma vela a deus e outra ao diabo, e entrujá los a todos. Se não, nunca se vai ao *poleiro*. E tem o descaramento de vir falar de propaganda quando a primeira coisa a fazer, e que se faz, é contrariar a propaganda?

L. — Não digo que não tenha razão ; mas, enfim, deve concordar que é sempre uma vantagem haver algum dos nossos que tenha voz em capítulo também.

C. — Uma vantagem?... Para êle e para alguns amigos seus, não digo que não. Mas para o povo em geral, nem por sombras : não me venha dizer isso a mim. Ainda se isso não estivesse provado, vá!... mas há anos e anos que pobres patos mandam socialistas aos parlamentos, e que se tem ganhado com isso? Um faz-se monárquico, outro alia-se com aqueles patifórios dos republicanos... Patifórios, os chefes, é claro ; porque os operários republicanos são também, coitados, boas criaturas que julgam fazer bem e não reparam que são enganados e mistificados pior do que pelos padres. Mas como ia dizendo, o que se ganhou é que êsses deputados socialistas, enquanto dantes, quando diziam a verdade, eram perseguidos e tratados como malfeteiros, hoje são estimados e apreciados pelos burgueses, apertam a mão a governadores e ministros. E ainda que sejam condenados, o que succede por questões lá entre os burgueses, inteiramente estranhas à causa do operário, mesmo então os tratam com luvas e quase lhes pedem desculpa. E' sabido : são todos cães da mesma raça e que, hoje para ti, amanhã para mim, acabam sempre por se pôr de acôrdo para rilhar o ôsso popular ! Ora diga-me lá se aqueles figurões ainda podem ter vontade de expor a pele para fazer a revolução !

L. — Você é demasiado severo. Os homens são

homens, e temos que desculpar as suas debilidades. Além disso, que havemos de fazer se os homens que temos nomeado até agora não souberam cumprir o seu dever, talvez porque lhes falte o valor para o cumprir? Quem lhe diz que votemos sempre nos mesmos? Nomeemos, pois, outros melhores.

G. — Isso! Assim o partido socialista virá a converter-se numa fábrica de entrujões. Acha ainda que não temos feito traidores até demais? Ou há necessidade de colocar os outros numa situação em que o venham a ser? Enfim, compreende ou não que quem vai ao moinho se enfarinha? Quem se mistura com os burgueses, acostuma-se a viver bem sem trabalhar. Quanta mais gente passar pelo poder, mais se corromperá. E ainda que houvesse alguém que tivesse boa ténpera para ali se não corromper, esse não quereria lá ir, porque, amando a causa, não havia de começar por ir contra a propaganda na esperança de ser útil mais tarde.

Sabe uma coisa? Eu creio firmemente na sinceridade de quem, dizendo-se socialista, gasta tempo e trabalho, gasta o seu dinheiro, se o tem, expõe-se a ser perseguido, encarcerado ou morto. Em troca, inspiram-me pouca confiança aqueles que fazem dos ideais um officio, e sabem pôr-se sempre do lado do punho da espada de modo que arranjem popularidade e evitem os perigos, salvando como se costuma dizer a cabra e as couves. Parece-me que são como os padres que pregam para o seu santo negócio.

L. — Ultrapassa os limites, meu amigo, porque entre os que insulta, estão os que teem trabalhado e sofrido pela causa, estão os que teem um passado...

C. — Não venha agora quebrar-me a cabeça com o passado. Não há prostituta que não tenha sido virgem. O próprio Crispi foi noutros tempos um revolucionário, sofreu e expôs a pele. Por este facto vamos agora respeitá-lo, quando éle se tornou um reaccionário, um tiranete dos mais repugnantes?

São êsses indivíduos de quem fala os mesmos que desonram e mancham seu próprio passado; e se quer, é em nome dêsse mesmo passado que podemos condená-los porque o renegaram.

L. — Bom, homem, não sei como convencê-lo. Pois bem: concedo quanto ao parlamentarismo; mas há-de concordar que no município já o caso muda de figura. Aquí torna-se mais fácil obter maioria e fazer o bem-estar do povo.

C. — Mas se foi você mesmo que disse que os vereadores estão atados de pés e mãos; e que afinal tanto nas Câmaras como nos municípios são sempre os ricos que mandam! Além disso os exemplos abundam. Por exemplo, na vizinha *Vida Cándida* estão os socialistas no município, e sabe o que teem feito? Prometeram supri-ir os impostos de consumo e em vez disso até rebuscam nas cestas das crianças que voltam da escola na cidade. E como o povo murmura porque, apesar de cándido, vê as coisas, quando são muito taludas, os srs. socialistas falam nos seus

periodicos no *eterno descontentamento*, como diria qualquer representante da autoridade e da burguesia. Entretanto, êles, que quando subiram ao poder, andavam com o traseiro remendado, fizeram-se uns figurões e arranjaram boas colocações para si e para os parentes, de forma que podem viver sem trabalhar, dizendo que tratam das regalias populares.

L. — Mas isso são calúnias !

C. — Admitamos que nisso ande calúnia ; mas aquilo que eu tenho visto com os meus proprios olhos ? Dizem que quando o rio murmura é porque leva muita agua, e êste ditado é bem certo, o que prejudica bastante o partido socialista. O socialismo, que devia ser a esperança e a consolação do povo, da classe trabalhadora, torna-se alvo de maldições populares, quando se encontra no poder, no parlamento ou no municipio. Ainda dirá que isto é propaganda própria dita ?

L. — Votemos, homem ! Se não está satisfeito com os que nos teem representado, nomeemos outros ; a culpa é sempre dos eleitores porque são senhores de escolher quem quiserem.

C. — E êle a dar-lhe ! Mas estou a falar com a parede, ou com quem ? ! Sim senhor, a culpa teem-na os eleitores e os não eleitores . . . porque deviam ir às câmaras municipais e ao parlamento, e atirá-los a todos pela janela.

Em vez disso, os eleitores ainda acreditam naquilo. Mas você, que sabe que os eleitos, mesmo se não são nem se tornam canalhas, nada podem fazer pelo povo, salvo deitar-lhe poeira aos olhos.

para maior sossêgo dos burgueses, você devia esforçar-se por destruir essa estúpida fé no sufrágio.

As causas fundamentais da miséria e de todos os males sociais são a propriedade individual (gracias à qual um homem só pode produzir submetendo-se às condições de quem detêm as terras e instrumentos de trabalho) e os governos, que defendem os exploradores e exploram também por sua conta.

E os burgueses, antes de deixar atacar estas duas instituições fundamentais, hão de as defender a todo transe. Enganam, mistificam e, quando isso não basta, encarceram, enforcam e metralham. E' preciso muito mais do que eleições!

E' precisa uma revolução, e uma revolução terrível! que das intâmias actuais não deixe sequer a memória. E' preciso pôr tudo em comum, é preciso que todos tenham pão, casa e roupas; é preciso que os camponeses escorracem o proprietário e cultivem as terras por conta deles e dos companheiros trabalhadores; é preciso que os operários expulsem também o patrão e organizem a produção em proveito de todos: e por fim é preciso não constituir mais governos, não darmos o mando a ninguém e arranjar-mos as nossas coisas por nossas mãos. Primeiro, cada um se entenderá na sua comuna ou localidade com os companheiros de profissão e com todos os outros com quem tem necessidades e interesses comuns mais imediatos. As comunas entender-se hão com as comunas; as regiões com as regiões; os do mesmo

ofício de diversas localidades relacionar-se hão entre si, e assim se chegará ao acôrdo geral e com certeza lá se chegará, porque nisso está o interesse de todos. Então já não viveremos como os cães e gatos, e não haverá mais guerras nem concorrência; as máquinas já não servirão para beneficio dos nossos patrões e para deixar sem trabalho e sem pão uma parte de nós; servirão, sim, para tornar o trabalho mais leve, mais agradável e mais produtivo em vantagem de todos. Já não ficarão terras por cultivar, nem se permitirá que as cultivadas não produzam sequer a décima parte do que poderiam produzir; aplicar-se hão pelo contrário todos os meios já conhecidos para aumentar e melhorar os produtos da terra e da indústria, afim que os homens possam satisfazer cada vez com mais largueza as suas necessidades.

L. — Tudo isso é muito bonito, mas na prática é que eu o quero ver a você. Também acho lindos êsses ideais, mas como alcançá-los? A revolução, também eu sei que é o único meio para lá chegar, e que, por mais voltas que a gente lhe dê, sempre lá vai cair. Mas como por ora não se pode fazer a revolução, vamos fazendo o que podemos, e não havendo coisa melhor, agitamo-nos com as eleições. Mexendo-se, sempre a gente vai ganhando alguma coisa: sempre é propaganda que se faz.

C. — Como! torna a falar de propaganda? Mas sabe que propaganda vocês fizeram lá com as suas eleições? Vocês puseram de lado o programa

socialista e acamaradaram com todos esses charlatões democráticos, que fazem tanto barulho para apanhar o poder e fazer depois o que teem feito os seus colegas em democracia, lá chegados antes deles. Vocês lançaram no meio dos socialistas a divisão e as guerras pessoais. Vocês mudaram a propaganda de princípios em propaganda a favor de Fulano e de Sicrano. De revolução já vocês nem sequer falam, ou se falam, em a fazer é que já não pensam; e é natural, porque o caminho que leva ao Parlamento não é o mesmo pelo qual se vai às barricadas. Vocês corromperam uma quantidade de companheiros que sem aquela tentação talvez se tivessem mantido honestos. Vocês criaram ilusões que, enquanto duram, desviam as atenções da revolução, e quando se desvanecem, deixam o homem descoroçoado de tudo e de todos. Vocês desacreditaram o socialismo diante das massas que os começam a considerar, a vocês, como um partido de govêrno, que desconfiam de vocês e os deprezam, como faz o povo com todos os que estão no poleiro ou para lá querem ir.

L. — Mas, afinal de contas, que quer você que a gente faça? Porque é que vocês, em vez de nos andar a guerrear, não pegam em si e não fazem melhor do que nós?

C. — Eu ainda lhe não disse que tenhamos feito e façamos tudo o que se podia e devia fazer. Mas mesmo nisto teem vocês muitíssimas culpas, pois com a deserção e a mistificação paralisaram por muitos anos a nossa acção, obrigando-nos além

disso a empregar forças preciosas no combate contra essas tendências, que, se as deixassem, do socialismo teriam apenas deixado o nome. Agora, porém, esperemos que tudo isso esteja acabado. Por um lado, nós aprendemos muitas coisas e estamos em condições de aproveitar a experiência e corrigir os erros passados. Por outro lado, mesmo no meio de vocês, começam a estar fartos dessas malditas eleições. A experiência dura há tantos anos e lá os seus eleitos teem-se mostrado tam insignificantes, para não dizer pior, que já estão a abrir os olhos todos os que amam deveras a causa e teem espirito revolucionário.

L. — Pois façam lá vocês essa revolução, e podem estar certos de que, quando levantarem barricadas, nós havemos de estar ao seu lado. Ou vocês tomam-nos por poltrões?

C. — Sim, que comodidade, pois não é?! Façam lá vocês a revolução, e quando estiver feita, lá iremos... Mas se vocês são revolucionários, porque não tratam de a preparar também?

L. — Ouça: cá por mim, garanto-lhe que, se visse um meio prático de poder ser útil à revolução, mandaria logo para o diabo eleições e candidatos, porque, para dizer a verdade, também começo a estar farto daquilo, e até lhe confesso que me fez cá uma certa impressão o que você me disse hoje. E dizer que você não deixa de ter a sua razão, com franqueza não lho posso dizer.

C. — Não sabe o que se pode fazer? E' o que eu digo: a prática da luta eleitoral até faz perder o critério da propaganda socialista e revolucionária.

ria! E todavia, basta uma pessoa saber o que quer e querê-lo firmemente para achar mil coisas úteis a fazer. Primeiro que tudo, propaguemos os princípios socialistas, e em vez de impingir patranhas e dar falsas esperanças aos eleitores e aos não-eleitores, excitemos neles o espírito de revolta e o desprêzo do parlamentarismo. Façamos de maneira que os pobres não vão votar, e que as eleições as façam lá entre si o govêrno e os burgueses, no meio da indiferença e do desprêzo do povo; porque, destruída a fé na urna, nascem logo a vontade e a necessidade de fazer a revolução. Vamos aos ajuntamentos e reuniões eleitorais, mas para pôr a nu as mentiras dos candidatos e para explicar — e isto então sempre, sempre — os princípios socialistas, isto é, a necessidade de expulsar o govêrno e expropriar os proprietários. Entremos em tôdas as sociedades operárias, formemos outras novas, e sempre para fazer propaganda e falar a todos do que devemos fazer para nos emanciparmos. Cooperativas, associações de soccorros mútuos, organização operária, congressos corporativos, tudo é bom terreno para nele se fazer propaganda, contanto que, naturalmente, uma vez lá dentro, não nos esqueçamos do fim que ali nos levou. Nas greves procuraremos aprofundar o abismo entre os salarizados e os patrões e empurrar as coisas o mais possível para a frente. Mostremos aos que morrem de fome e de frio que tudo quanto há nos armazêns lhes pertence a êles, Em havendo sublevações espontâneas, como se dão a cada instante, corramos lá e procuremos

dar consciência ao movimento, exponhamo-nos aos perigos, batamo-nos ao lado do povo. E depois, uma vez no caminho prático, acodem as ideas e apresentam se as ocasiões. Organizemos movimentos para *obrigar* os municipios a fazerem as coisas, grandes ou pequenas, que o povo deseja urgentemente, como, por exemplo, distribuir o pão, abolir as taxas, etc. Estejamos sempre no meio do povo, e procuremos fazer-lhe compreender o que deve querer e habituá-lo a tomar as liberdades que às boas nunca lhes seriam concedidas. Em suma, faça cada um o que puder conforme o lugar e o ambiente em que se encontrar, tomando por ponto de partida os desejos práticos que o povo tiver e estimulando nele sempre novos desejos. E no meio de tôda esta actividade, escolhamos os elementos que forem chegando a compreender e a aceitar com ardor as nossas ideas, estreitemo-nos num acôrdo reciproco e preparemos assim as forças para uma acção decisiva e geral.

Olhe : ai temos, por exemplo, a questão do 1.º de Maio. Em todo o mundo os operários se preparam para fazer nesse dia uma grande demonstração, abstando-se do trabalho. Há-os que o fazem apenas para obter a redução do dia de trabalho a 8 horas, e há-os que não se contentam com isso, e pensam logo em sacudir essas sanguessugas que são os patrões. Pois bem : nós temos o dever de aceitar êsse terreno prático de acção que as próprias massas nos oferecem. Trabalhemos, pois, desde já de alma e coração para

que no 1.º de Maio ninguém vá trabalhar e ninguém torne à oficina senão como trabalhador livre associado a livres companheiros. E chegado o 1.º de Maio, desçamos á rua com a multidão e façamos o que as disposições da multidão nos aconselharem. Não será decerto a revolução, pois os governos estão demasiadamente prevenidos. Mas, quem sabe lá? se conseguíssemos dar ao movimento grande extensão, os governos seriam impotentes para reprimir. Em todo o caso, o povo terá ocasião de sentir a sua fôrça, e uma vez que a tenha sentido, não tardará a querer servir-se dela.

L. — Satisfaz-me o programa. Leve o diabo as eleições e toca a trabalhar! Dê cá essa mão! Viva a Anarquia e a Revolução Social!

C. — Viva!

(Londres, Novembro de 1890).

AOS CAMARADAS

Quando ha seis mêses fizemos a edição do folheto *A Social Democracia na Alemanha*, prometiamos publicar outros trabalhos de propaganda, tantos mais quanto o auxilio que os camaradas nos prestassem, pois que é com o produto da venda de uns que outros são sucessivamente editados. Algum auxilio nos foi prestado e é com ele que podemos fazer a 2.^a edição do presente folheto.

Embora reconhecendo que são cheios de difficuldades de toda a especie os tempos que atravessamos, sentimos que foi longo o tempo decorrido entre a publicação de dois folhetos, pois era nosso ardente desejo que um trabalho a outro se seguisse pelo menos cada três meses.

Desejam os camaradas auxiliar-nos, colaborar na nossa obra? Para isso saberão procurar todos os meios, mas permitam-nos que lhes lembramos que o mais proficuo seria o fazer interessar por estas edições os diversos grupos de propaganda de que fazem parte.

Nós desejaríamos não só que difundissem o mais possivel estas edições como tambem que nos sugerissem qual seria o trabalho mais conveniente a publicar para os interesses da propaganda, neste ou naquele momento e, até, nesta ou naquella região se fosse preciso.

De bom agrado receberemos alvitres, acataremos opiniões de todos os que sinceramente nos quizerem enviar, e, se bem que já tenhamos escolhido o trabalho que deverá ser editado em Junho proximo, nós modificaremos a nossa opinião se os grupos de propaganda nos sugerirem a publicação de outro mais util e mais necessario.

Camarada, leitor; mostra aos camaradas da tua agrupação os bons desejos que temos em servir a propaganda, que todo o auxilio prestado reverterá exclusivamente em seu beneficio e, assim, a necessidade de colaborar comnosco.

O grupo editor de A Sementeira,

Biblioteca de A SEMENTEIRA

E. Malatesta— <i>Em tempo de eleições.</i>	2 cts.
P. Krapotkine — <i>O governo revolucionario</i>	2 "
P. Krapotkine — <i>Os bastidores das guerras</i>	3 "
P. Delessalle — <i>A confederação do trabalho</i>	2 "
R. Mella — <i>Aos camponeses</i>	2 "
G. Landaner — <i>A Social Democracia na Alemanha</i>	2 "
Fotogravuras de alguns revolucionarios, em bom papel couché, cada.	2 "
4.º ano e até ao ultimo numero d' <i>A Sementeira</i> , 16 numeros, volume de 128 pags.....	30 "
Os 3 primeiros anos d' <i>A Sementeira</i> , volume de 292 pags, com 33 fotogravuras em bom papel couché, brochado.....	1\$50 "

Abatimentos aos revendedores e grupos de propaganda. Pedidos pelo correio não tem aumento de preço, mas só se satisfazem quando acompanhados das respectivas importancias e quando feitos á *Biblioteca A Vida*, rua Formosa, 242, 2.º—Porto, ou á:

A Sementeira

Cais do Sodré, 88—Lisboa—Portugal

Publicações de propaganda

E. da Silva — <i>Teatro livre e arte social</i>	2 cent
E. Malatesta — <i>A politica parlamentar no movimento socialista</i>	2 »
C. Dias — <i>Semeando para colher</i>	2 »
C. G. T. — <i>O dia de oito horas</i>	2 »
M. J. Sousa — <i>Sindicalismo e acção directa</i> ...	2 »
Libertas — <i>O rei e o anarquista</i>	3 »
J. Prat — <i>A's mulheres</i>	5 »
E. Malatesta — <i>Entre camponeses</i>	5 »
P. Krapotkine — <i>Um seculo de expectativa</i> ...	5 »
E. Malatesta — <i>A anarquia</i>	5 »
F. Delaisi — <i>Os politicos, os financeiros e a guerra</i>	5 »
Almanaque da <i>Aurora</i> , para 1913.....	6 »
Nós — <i>A canalha</i>	15 »
N. Vasco — <i>Da porta da Europa</i>	50 »
<i>A Aurora</i> , semauario.....	1 »
<i>O Germinal</i> , «.....	1 »
<i>A Revolta</i> , quinzenaria.....	1 »

Pedidos á Biblioteca *A Vida*, rua Formosa, 242, 2.º
—Porto, ou A' Sementeira, Cais do Sodré, 88—Lisboa.

AHS

404/2

Shi